

## ASPECTOS SOBRE A SABEDORIA TOLEDANA NA ANTIGUIDADE TARDIA E NO MEDIEVO IBÉRICO

Cynthia Valente<sup>1</sup>

.Elaine Cristina Senko<sup>2</sup>

### Resumo:

Durante o século VII, a cidade de Toledo, então sede régia do Reino Visigodo, apresentou uma produção grande produção literária, contrastando com outros reinos europeus. A erudição alcançava tanto membros do poder régio, quanto da Igreja. Os temas em sua maioria eram teológicos, mas haviam tratados de ciência, etimológicos e história. Por sua vez, depois do processo histórico de domínio islâmico na Península Ibérica, encontramos o fortalecimento do poder e do saber do reino cristão de Castela, sob a liderança do rei Afonso X, no século XIII. Portanto, nosso artigo se apresenta como uma análise da relação entre cultura e poder ao longo das transformações históricas, da Antiguidade Tardia ao Medievo, que a cidade ibérica de Toledo produzia e deixava como memória para o futuro.

**Palavras-chave:** Toledo, Reino Visigodo, Escola de Tradutores.

### Abstract:

During the seventh century, the city of Toledo, then royal seat of the Visigoth Kingdom, presented a large literary output production, in contrast to other European kingdoms. The scholarship reached both, members of the royal power and the Church. The subjects were mostly theological, but had included science, etymology and history. However, after the historical process of Islamic rule on the Iberian Peninsula, we find strengthening the power and knowledge of the Christian kingdom of Castile under the leadership of King Alfonso X in the thirteenth century. Therefore, our article present an analysis of the relationship between culture and power along with the historical transformations of the Late Antiquity to the Middle Ages, that the Iberian city of Toledo build and left as memory for the future.

**Keywords:** Toledo, United Visigoth, Translators School.

Recebido em 10/11/2014 Aceito em 28/01/2015

<sup>1</sup> Mestre em História pela UFPR e membro do NEMED/UFPR. Pesquisadora da Antiguidade Tardia. E-mail: cmariavalente@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutoranda em História pela UFPR e membro do NEMED/UFPR. Pesquisadora da Idade Média. E-mail: elainesenko@hotmail.com.

## *Introdução: um encontro*

O presente artigo demonstra que duas pesquisas em momentos distintos (Antiguidade Tardia e Idade Média) sobre o mesmo território e com transformações políticas e culturais próprias encontram um anseio singular, um ambiente que requeria a busca pelo saber. Tanto Toledo na Península Ibérica do século VII, cristã e visigótica, quanto a mesma cidade depois da presença islâmica, já no XIII sempre desejou ser um local erudito e promovedor de influências culturais. Demonstraremos, portanto, como em períodos diferentes a cidade de Toledo foi difusora de saberes através do incentivo dos reis e da atitude empreendedora dos seus eruditos.

## *A produção literária em Toledo durante o século VII*

Por volta do ano 190 a.C., uma pequena cidade murada, localizada em uma colina 100 metros acima do rio Tajo, foi conquistada pelos romanos que ali instalaram-se e passou a ser conhecida pelo nome de *Toletum*. Enquanto os visigodos chegaram durante o século V, as fontes não esclarecem exatamente quando, mas a atividade régia já mostrava sua predileção pela cidade, conhecida já como Toledo, durante os reinados de Teudis<sup>3</sup> e Atanarico, que ali veio a falecer<sup>4</sup>. Toledo não abrigaria somente a sede régia, pois desde o final do século III essa cidade também passou a ter uma sede episcopal:

(...) nesta cidade régia haviam se reunido três concílios, de grande importância teológica e de sábias normas para a disciplina canônica em todo o reino, e que o futuro para a exaltação da Igreja nela era muito lisonjeiro. Ademais, desde mais de meio século, seu bispo havia sido promovido a dignidade de metropolitano<sup>5</sup>.

Podemos localizar o século VII, como sendo o ápice do poder da Toledo visigoda, palco também de grandes embates teológicos e produção de muitos trabalhos da patrística espanhola. As produções literárias, em grande maioria, transitam entre os temas teológicos, como passagens da Bíblia, vida de padres e discussões dogmáticas. A grande produção

<sup>3</sup>THOMPSON, E.A. *Los godos en España*. Madrid: Alianza Editorial, 2007, p 185.

<sup>4</sup>SERRANO, R.S. *História de Los Godos*. Una epopeya histórica de Escandinávia a Toledo. Madrid: Esfera de los libros, 2009, p 257.

<sup>5</sup>RIVERA RECIO, J. F. *San Ildefonso de Toledo*. Biografía, época y posteridad. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985, p 44. Tradução nossa.

cultural e teológica do período não esteve concentrada somente nas mãos eclesiásticas. Segundo o estudioso Dominguez Del Val:

Certamente, não é uma vitalidade criadora, porque o século VII não é o século das criações em nenhum povo, mas tem, no entanto, uma exuberante atividade literária, que resulta de um fenômeno cultural que afeta a diversos grupos sociais na Espanha. No século VII são cultos os reis, culta a aristocracia e, sobretudo, são cultos os clérigos e os monges<sup>6</sup>.

Nesse sentido, fixaremos nosso texto em dois personagens da história do reino hispano visigodo de Toledo que viveram e produziram durante o século VII, o monarca Sisebuto (612-621), e o bispo Ildefonso de Toledo (657-667). Tentaremos assim demonstrar a produção cultural desenvolvida dentro da monarquia e da Igreja.

O reinado de Sisebuto tem início no ano de 612, ele sucede Gundemaro (610-612), e termina em 621, com sua morte, em Toledo, a qual não foi totalmente esclarecida, segundo Isidoro de Sevilha “Sisebuto morreu de enfermidade, asseguram alguns, e envenenado segundo outros”<sup>7</sup>. O novo monarca assumiu um reino que desde a morte de Recaredo em 601, já contava com três reis, o que contribuiu em muito para uma instabilidade política. Não entraremos nos méritos bélicos do monarca aqui, embora Isidoro de Sevilha enalteça suas vitórias, as quais foram praticadas com clemência e sabedoria<sup>8</sup>. Nessa mesma obra *Las Historias de los godos, vândalos y suevos de Isidoro de Sevilla*<sup>9</sup>, o bispo sevilhano escreve que Sisebuto “Foi brilhante em sua palavra, douto em seus pensamentos e bastante instruído em conhecimentos literários”<sup>10</sup>. O reconhecimento desse monarca como um homem letrado e erudito é afirmado também por Thompson:

Foi o primeiro e único rei visigodo que obteve e mereceu fama como autor latino. Em 613, no momento da campanha do norte, enviou a São Isidoro seu

<sup>6</sup>DOMINGUEZ DEL VAL, U. *Cultura y Teología en la España Visigoda. Salamanticensis*. Salamanca, n.14, p. 582, 1970. Tradução nossa.

<sup>7</sup>ISIDORO DE SEVILHA. *História Gothorum, Vandalorum et Suevorum*. Ed. bilíngue (latim-espanhol) de C.Rodríguez Alonso. León: Centro de Estudios e Investigaciones San Isidoro, 1975, p.271. Tradução nossa.

<sup>8</sup>ISIDORO DE SEVILHA. *História Gothorum, Vandalorum et Suevorum*. Ed. bilíngue (latim-espanhol) de C.Rodríguez Alonso. León: Centro de Estudios e Investigaciones San Isidoro, 1975, p.273. Tradução nossa.

<sup>9</sup>ISIDORO DE SEVILHA. *História Gothorum, Vandalorum et Suevorum*. Ed. bilíngue (latim-espanhol) de C.Rodríguez Alonso. León: Centro de Estudios e Investigaciones San Isidoro, 1975.

<sup>10</sup>ISIDORO DE SEVILHA. *História Gothorum, Vandalorum et Suevorum*. Ed. bilíngue (latim-espanhol) de C.Rodríguez Alonso. León: Centro de Estudios e Investigaciones San Isidoro, 1975, p.273. Tradução nossa.

maravilhoso poema sobre os eclipses lunares, poema que talvez estivesse destinado a resistir a algumas manifestações pagãs que se seguiram aos eclipses<sup>11</sup>.

A referência acima sobre o poema de Sisebuto acerca das luas, ilustra uma das características de suas obras, o catolicismo fervoroso, o que o impulsionou a escrever uma obra hagiográfica *Vida de San Desiderio de Vienne*. A obra discorre sobre a vida desse mártir católico, morto pelos nobres austrasianos Teuderico e Brunequilda, ambos arianos e inimigos dos visigodos. Alguns autores vêem nessa hagiografia, uma forma de propaganda política na escolha do seu panegírico, já que os carcereiros do santo foram mostrados como violentos e inimigos. Algo que é bem ilustrativo na história entre Toledo e Austrasia. A grande influência de Sisebuto foi Isidoro de Sevilha, o monarca foi pupilo do bispo sevilhano, portanto devemos perceber a grande formação intelectual do mesmo, de seus escritos notam-se a formação em gramática, retórica e dialética. Sua corte possuía uma biblioteca, assim como todas as cortes dos reis toledanos<sup>12</sup>.

Ora, Sisebuto e Isidoro de Sevilha, nutriam uma admiração mútua, pois o monarca tinha se transformado em um ser humano religiosíssimo. Para ele escreveu *De natura rerum*, obra acerca de fenômenos físicos e astronômicos. O próprio monarca havia escrito um tratado dessa natureza *Astronomicum*, infelizmente perdido. O monarca dedicou para Isidoro seu poema *Carmen de Luna*, sobre o eclipse lunar:

Tal vez tú, bajo la fronda de los bosques alumbras indolente cantos vagabundos, y entre el murmullo de las aguas y el susurro de la brisa sientes inundarse tu espíritu sereno con el néctar de las hijas de las Musas. Pero sobre nosotros se cierne, en cambio, la nube tormentosa de los negocios públicos y pesa la preocupación por nuestros millares de soldados cubiertos de hierro; nos ensordece el clamor de los leguleyos, el griterío de los tribunales, el estridente sonido de las trompetas (...). Aunque agobiado por graves tareas y pesadamente oprimido en medio de tantas preocupaciones terrenas, diré por qué, agotado en su carrera circular, el disco de la Luna palidece y se pierde el brillante resplandor de su rostro de nieve<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> THOMPSON, E. A. **Los godos en España**. Madrid: Alianza Editorial, 2007, p.194. Tradução nossa.

<sup>12</sup> DOMINGUEZ DEL VAL, U. *Cultura y Teología en la España Visigoda*. **Salamanticensis**. Salamanca, n.14, p.584, 1970.

<sup>13</sup> MEDENDEZ BEJARANO, M. **El rey Sisebuto astrónomo**. Madrid: Publicaciones del Boletín de la Real Sociedad Geográfica, 1919, pp. 9-11. Optamos por não traduzir o poema para não interferir em sua construção.

A divergência entre ambos ocorreu com relação à questão judaica. Sem o aval conciliar, Sisebuto colocou em prática a política das conversões forçadas, onde aquele judeu que não se convertesse eram despossuídos de seus bens que seriam confiscados pelo Tesouro. As conversões forçadas foram vistas por Isidoro como contrárias a verdadeira fé, que deveria nascer espontaneamente depois de uma prática evangelizadora<sup>14</sup>. O IV Concílio de Toledo, convocado por Sisenando em 633, condena publicamente a prática das conversões forçadas em seu cânone LVII<sup>15</sup>.

Destarte, Sisebuto escreveu inúmeras cartas, basicamente de natureza teológica. Em destaque temos a carta endereçada ao seu filho Theudila, que havia entrado para um monastério, onde escreve conselhos para seu filho manter-se firme na fé e nos votos. Preocupado com as heresias ainda existentes em alguns reinos, o monarca escreveu uma epístola endereçada ao monarca lombardo Audaaldo (616-626), em que tenta convencê-lo a se converter a fé niceísta<sup>16</sup>. A epístola, segundo Dominguez Del Val é uma autêntica antologia das Escrituras e totalmente anti ariana<sup>17</sup>.

O interesse relatado aqui sobre os eclipses, não foi algo isolado, a astronomia e os fenômenos físicos eram de interesse tanto de clérigos como de laicos, afirma-nos Dominguez Del Val<sup>18</sup>. Em que pese fosse um homem literário e interessado por assuntos da ciência, o monarca não aprovava as manifestações cênicas, chegando a escrever uma carta de reprimenda ao bispo de Tarragona, Eusébio, por esse mostrar-se muito interessado nas práticas teatrais. Profícuo na escrita de cartas, Sisebuto manteve correspondência com os principais bispos do reino, o assunto era relacionado com a fé niceísta e a situação das sedes.

As obras de Sisebuto, enfim, não são destituídas de escolhas políticas e ideológicas, o contato direto com bispos e o conhecimento da escritura, colocava o monarca como um controlador do seu reino. Como prática dessa política religiosa de fortalecimento da

<sup>14</sup> ISIDORO DE SEVILHA. **História Gothorum, Vandalorum et Suevorum**. Ed. bilíngue (latim-espanhol) de C. Rodríguez Alonso. León: Centro de Estudios e Investigaciones San Isidoro, 1975, p 271-273.

<sup>15</sup> **CONCILIOS VISIGÓTICOS E HISPANO-ROMANOS**. Edición José Vives. Madrid: CSIC, Instituto Enrique Florez, 1963, p. 210.

<sup>16</sup> THOMPSON, E. A. **Los godos em España**. Madrid: Alianza Editorial, 2007, p 194.

<sup>17</sup> DOMINGUEZ DEL VAL, U. Cultura y Teología en la España Visigoda. **Salamanticensis**. Salamanca, n.14, p. 586, 1970.

<sup>18</sup> DOMINGUEZ DEL VAL, U. Cultura y Teología en la España Visigoda. **Salamanticensis**. Salamanca, n.14, p. 585, 1970.

união eclesiástica e por conseguinte do poder régio, Sisebuto favoreceu muitas construções cristãs, em destaque para a Basílica de Santa Leocádia, em Toledo, em que a inauguração foi feita pelo monarca. Também não convocou concílios plenários, apenas ocorreram dois concílios provinciais, um em Egara (614) e outro em Sevilha em (619). Quando de sua morte (621) “deixou a seu filho Recaredo<sup>19</sup>, ainda menino, quem depois da morte de seu pai esteve por príncipe durante uns dias, até que o surpreendeu a morte”<sup>20</sup>.

Em época de Sisebuto, nosso outro personagem, Ildefonso, já era um jovem, A origem de Ildefonso é cercada por algumas dúvidas, relativas à fé professada pelos seus pais. Não sabemos se praticavam o catolicismo, mesmo que timidamente durante o reinado de Witerico (603-610), período do nascimento de Ildefonso (607), ou que tenham se convertido na época de Recaredo; porém, o fato é que Ildefonso foi batizado no culto católico ainda na primeira infância. Provavelmente os pais de Ildefonso eram de origem goda, tinham uma posição social elevada e escolheram para o seu filho um nome de origem germânica.

Em que pese seu pai tivesse realmente na época a intenção de indicar Ildefonso para o serviço militar ou mesmo alguma função administrativa, o jovem insistiu por uma carreira dentro do clero. Sua escolha não foi pela escola episcopal, Ildefonso desejou seguir o ideal de vida monástico e ascético, ingressando portanto no Mosteiro de Agali, centro religioso de muito prestígio, e que segundo palavras de Díaz y Díaz:

O Agaliense o mais famoso, o mais poderoso e também o mais antigo (...); a presença do monastério Agaliense teve para Toledo uma importância capitalque, em boa parte, determinará inclusive as tensões e problemas que se produziram no decorrer do século VII<sup>21</sup>.

A sua atuação dominou os espaços episcopais durante o século VII, o que foi conhecido como “dinastia agaliense”, segundo José Orlandis, referindo-se este à posição proeminente que esse monastério e seus prelados alcançaram dentro da Igreja Toledana no decorrer do século VII<sup>22</sup>. Sua localização é meio incerta, não há nenhum material arqueológico que esclareça com precisão, muitas hipótese foram levantadas, as mais

<sup>19</sup> Conhecido como Recaredo II.

<sup>20</sup> ISIDORO DE SEVILHA. *História Gothorum, Vandalorum et Suevorum*. Ed. bilíngue (latim-espanhol) de C. Rodríguez Alonso. León : Centro de Estudios e Investigaciones San Isidoro, 1975, p. 275. Tradução nossa.

<sup>21</sup> DÍAZ Y DÍAZ, M. C. *De Isidoro al siglo XI*. Estudios sobre la vida literaria peninsular. Barcelona: El Abir, 1976, p. 92. Tradução nossa.

<sup>22</sup> ORLANDIS, J. *Estudios de Historia Eclesiástica Visigoda*. Pamplona: EUNSA, 1998, p.111.

verossímeis o localiza nas cercanias de Toledo<sup>23</sup>; segundo Ildefonso, Agali “foi, por misericórdia divina, famoso pelo esplendor de sua santidade”<sup>24</sup>.

Na época de Ildefonso, Agali já era considerado um centro de muita projeção intelectual e também de poder. Ali estavam representadas muitas famílias nobiliárquicas, através de seus membros clericais. O próprio Ildefonso era um membro de uma família aristocrática visigoda. Ildefonso é descrito por seu biógrafo Juliano de Toledo (642-690) como um homem de grandes qualidades intelectuais<sup>25</sup>. Ildefonso de Toledo atuou em diversos segmentos do clero toledano. Desde sua formação monacal, ele também se dedicou a escrever obras teológicas que fortalecessem a ortodoxia nicena. As obras de Ildefonso dividem-se em hinos, sermões, epitáfios, epígrafes, opúsculos e tratados. Os escritos que chegaram ao nosso tempo são *De virginitate perpetua sanctae Mariae*, *De cognitione baptismi*, *De itineris deserti spiritualis* e *De viris illustribus*. Sobre esse aspecto:

A formação intelectual de Ildefonso dentro do Mosteiro de Agali garantiu a ele o acesso direto às obras que proveram sua formação dogmática e teológica, as quais, inclusive, iam além das Escrituras: desenvolveu estudos sobre obras de Padres e Doutores da Igreja, como Ambrósio de Milão, Agostinho de Hipona e Jerônimo de Strídon; além das obras de seu próprio mentor, Isidoro de Sevilha<sup>26</sup>.

A preocupação com a formação intelectual do clero, visava a luta pela hegemonia religiosa do reino visigodo, os Concílios tiveram vários cânones onde se ressaltavam essa preocupação. O cânone VIII<sup>27</sup>, do VIII Concílio de Toledo<sup>28</sup> proíbe a ordenação de clérigos

<sup>23</sup> RIVERA RECIO, J. F. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985, p. 76-79.

<sup>24</sup> RIVERA RECIO, J. F. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 198, p. 79. Tradução nossa.

<sup>25</sup> RIVERA RECIO, J. F. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1985, p. 87.

<sup>26</sup> VALENTE, C. M. **Ildefonso de Toledo e o culto mariano como legitimação do culto niceísta na Hispania do século VII**. Curitiba: Dissertação em História UFPR, 2015, p. 54.

<sup>27</sup> “Cânone VIII. Em la octava discusión encontramos que algunos encargados de los oficios divinos, eran de una ignorancia tan crasa, que se les había aprobado no estar convenientemente instruidos en aquellas ordenes que diariamente tenían que practicar. Por lo tanto, se establece y decreta con solicitud que ninguno en adelante reciba el grado de cualquier dignidad eclesiástica sin que sepa perfectamente todo el saltério, y además los cánticos usuales, los himnos y la forma de administrar el bautismo; y aquellos que ya disfrutaban de la dignidad de los honores, y sin embargo padecen con la ceguera de una tal ignorancia, o espontáneamente se pongan a aprender lo necesario o sean obligados por los preladados, aun contra su voluntad, a seguir unas lecciones”. **CONCILIOS VISIGÓTICOS E HISPANO-ROMANOS**. Edición José Vives. Madrid: CSIC, Instituto Enrique Florez, 1963, p. 18.

com pouca ou nenhuma instrução. Mesmo não dominando o grego e nem o hebreu, Ildefonso foi capaz de escrever uma obra de grande difusão até o século XIV, com cópias espalhadas por muitos lugares da Europa Ocidental, como Alemanha, França, Itália, Suíça e Inglaterra<sup>29</sup>. Ao todo são vinte e quatro códices que chegaram até nós do tratado *De virginitate perpetua sanctae Mariae*. Tratado teológico em que o autor instiga os infiéis, com especial ênfase aos judeus, a perceberem a veracidade do dogma mariano da virgindade perpétua de Maria. A fonte de trabalho de Ildefonso nesse tratado é a Bíblia, utilizando passagens do Velho Testamento para corroborar com o Novo Testamento perante “os incrédulos judeus”<sup>30</sup>.

O *De cognitionibaptismi*, outra obra ildefonseana conhecida, trata de instruções pastorais referentes a prática do credo niceno. Segundo Rivera Récio<sup>31</sup>, Ildefonso escreveu essa obra quando Bispo de Toledo, nesse momento ele percebe que muitos membros da sua diocese eram ignorantes com relação aos dogmas nicenos, e muitos ainda praticavam ritos pagãos<sup>32</sup>. O tratado tem um prefácio e 142 capítulos curtos, começando com uma pregação por Jesus, depois há passagens do Antigo Testamento, rito sacramental, o Pai Nosso, e termina com homília sobre a Páscoa de Agostinho de Hipona, uma de suas grandes influências. A obra *De itinerideseispiritualis*, é uma continuação do *De cognitionibaptismi*. Nessa parte Ildefonso oferece a opção de seguir o caminho de Deus, que seria através da fé nicena. Todo o tratado está construído sobre significados espirituais, há um passagem também em que o autor remete ao tratado sobre a Virgem. O conteúdo místico remete a vida eremítica, demonstrando o valor da alma formada no meio monástico<sup>33</sup>.

Diferente do cunho puramente teológico dos três tratados, a outra obra que chegou a nós, de forma completa, *De viris illustribus*, retrata personagens importantes da Igreja Toledana. Aqui é importante ressaltar que, Isidoro de Sevilha escreveu um *De viris illustribus*, que não continha apenas membros eclesiásticos. Não sabemos se Ildefonso quis dar uma continuação a essa obra isidoriana, mesmo restringindo os membros ao clero. No prefácio da obra, Ildefonso faz uma declaração de intenções, explicando o desejo de immortalizar a memória dos mais gloriosos membros da Igreja, destacando a formação intelectual de clérigos como Ildefonso e a vitória na batalha contra as heresias. Os defensores

<sup>28</sup> **CONCILIOS VISIGÓTICOS E HISPANO-ROMANOS**. Edición José Vives. Madrid: CSIC, Instituto Enrique Florez, 1963, p. 18.

<sup>29</sup> RIVERA RECIO, J.F. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: BAC, 1985, p. 158.

<sup>30</sup> RIVERA RECIO, J.F. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: BAC, 1985, p. 169.

<sup>31</sup> RIVERA RECIO, J.F. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: BAC, 1985, p. 173.

<sup>32</sup> Ver FRIGHETTO, R. **Cultura e Poder na Antiguidade Tardia Ocidental**. Curitiba: Juruá Editora, 2005.

<sup>33</sup> RIVERA RECIO, J.F. **San Ildefonso de Toledo**. Biografía, época y posteridad. Madrid: BAC, 1985, p. 158.

do credo niceísta deveriam estar muito bem preparados não somente para evangelizar, mas para defender a causa da fé ortodoxa. Assim o movimento cultural do século VII construiu-se em torno da formação dos clérigos e de muitos reis como mecenas:

No século VII a corte de Toledo não só era o centro de educação, como uma instituição onde a cultura intelectual era bem acolhida e fomentada. Os reis prestavam ajuda à escola de Toledo, ainda que não sempre com o esplendor que os estudiosos exigiam<sup>34</sup>.

Toledo do século VII foi uma cidade onde fervilham manifestações culturais, contrastando com outras cidades do mesmo período. Fatos como sendo ela sede régia e episcopal visigoda, provocaram uma contínua produção literária e legislativa. Dominguez Del Val, acredita que todo esse movimento foi provocado pela necessidade de união que tinha a sociedade toledana e naturalmente a visigoda<sup>35</sup>. Poder régio e poder eclesiástico caminharam juntos em prol de uma centralidade, que foi prejudicada inúmeras vezes pelos interesses de diversos grupos nobiliárquicos, que culminavam em tronos usurpados<sup>36</sup>. O reino visigodo de Toledo tem seu fim com a Batalha do Guadalete em 711, quando o rei Rodrigo é destronado pelas forças muçulmanas que ocuparam a cidade.

## *O saber em Toledo durante o século XIII*

Após o período da intensa política muçulmana na Península Ibérica (dos séculos VIII ao XIII) o saber das três religiões monoteístas (cristã, judaica e islâmica) afetou a transformação da cultura toledana. Foi na época do rei Afonso X (1221-1284) em que se patrocinou a famosa *Escola de Tradutores de Toledo*.

Filho e herdeiro real de Fernando III o líder da Reconquista e de Beatriz da Suábia, Afonso, nascido em Toledo, seria o rei dito o Sábio de Leão e Castela. Quando Afonso X se tornou rei desejava a coroa do Sacro Império Romano Germânico, fato malogrado. Diante dessa situação o rei se torna o “imperador de seu reino”, porém enfrentou

<sup>34</sup> DOMINGUEZ DEL VAL, U. Cultura y Teologia en la España Visigoda. *Salamanticensis*. Salamanca, n.14.p.583, 1970. Tradução nossa.

<sup>35</sup> DOMINGUEZ DEL VAL, U. Cultura y Teologia en la España Visigoda. *Salamanticensis*. Salamanca, n.14.p.600, 1970.

<sup>36</sup> Tais atividades ficaram conhecidas como a “doença goda”, tal era o número de rebeliões e golpes.

uma revolta dos nobres (liderados, principalmente, pelas famílias dos Haro e Lara) e da família real contra o seu poder. Afonso X conseguiu suportar por todo o seu reinado (1252-1284) esse clima de deslealdade, pois tinha um forte apoio advindo de seus sábios do *scriptorium alfonsí*, dentre eles cristãos ibéricos, cristãos ortodoxos, judeus e islâmicos. Morreu em 1284, isolado da própria família e de seus nobres, nos braços de sua filha mais querida, a rainha Dona Beatriz de Portugal. Sobre a biografia de Afonso X, o historiador O'Callaghan nos informa:

La primera tarea de Alfonso X era gobernar con eficacia los reinos que había recibido en herencia. Aunque proclamo que el rey y el pueblo constituían un solo cuerpo, de hecho Alfonso no reinaba sobre un estado unificado. Su monarquía incluía varios reinos, como se puede ver por la titulación real: rey de Castilla, Toledo, León, Galicia, Sevilla, Córdoba, Murcia, Jaén y el Algarbe. Este alarde de títulos era una forma de sugerir que la grandeza de su poder y prestigio derivaban del hecho de que tantos reinos estuviesen sometidos a su mandato. Pero, al mismo tiempo, la lista ponía de relieve tanto el hecho histórico de la expansión conquistadora como la disparidad que existía en sus propios dominios. En efecto, no sólo había importantes diferencias legales e institucionales entre Castilla y León, sino también entre ellos y los reinos del sur. Toledo, Sevilla, Córdoba, Murcia y Jaén y el Algarbe habían sido anteriormente pequeños reinos islámicos. Toledo, conquistada em 1085, ocupaba el segundo lugar en la lista, después de Castilla y antes que León, porque había sido la antigua sede de la monarquía visigoda. La población musulmana y judía de los reinos andaluces y murciano era mucho mayor que la del norte. Conseguir la unidad a partir de elementos tan distintos era una tarea portentosa que no podía ser completada en una generación. Pero Alfonso X hizo esfuerzos significativos para lograr este objetivo. Su propósito fue, no anular todas las diferencias, sino integrarlas en un todo armónico y coherente<sup>37</sup>.

Ora, um rei como Afonso X desde a sua infância já tinha sido educado dentro de uma tradição política, pois o seu pai Fernando III depois de empreender a Reconquista trouxe ao reino os sábios de outras religiões conquistados. Afonso X quando rei estimulou uma intensa produção erudita na *Escola de Tradutores de Toledo* – receptáculo dos mestres do seu *scriptorium alfonsí*. Vejamos a importância da cidade medieval de Toledo:

<sup>37</sup>O'CALLAGHAN, Joseph F. **El Rey Sabio**: el reinado de Alfonso X de Castilla. Traducción Manuel González Jiménez. Universidad de Sevilla: Secretariado de Publicaciones, 1999, p.31-32.

Toledo na Idade Média, e principalmente nos séculos XII e XIII, que nos interessam particularmente, é muito complexa; pode até se mostrar aos olhos de um homem do século XX sob aspectos aparentemente contraditórios: como pode uma cidade, que está frequentemente em estado de guerra, ser ao mesmo tempo o centro da tolerância, das três religiões e da cultura? Constatemos primeiro que sua população é muito heterogênea. Após a tomada da cidade, podem-se distinguir múltiplos grupos étnicos- religiosos, especialmente duas minorias religiosas protegidas, os muçulmanos e os judeus, e vários grupos cristãos, os moçárabes, os catelhanos, os francos e os novos convertidos. As relações entre os grupos nem sempre são tranqüilas e logo surgem os problemas. Apesar disso, instaura-se um *modus vivendi* que se chama tolerância. (...) Historiadores como Sánchez Albornoz a apresentam como uma originalidade da Espanha medieval, ligada ao duplo fenômeno da Reconquista e do repovoamento. Para poder ocupar o solo e explorá-lo, pedia-se aos mouros que não emigrassem depois da Reconquista e acolhiam-se comunidades judaicas. Não se exigia a conversão dos judeus e mouros, mas pedia-se a eles que fosse súditos leais da Coroa. Assim, a tolerância aparece sob a forma de um estatuto outorgado pelos governantes, que desejam, dessa forma, facilitar a coexistência entre os membros das diferentes religiões. Cada um dos soberanos multiplica os sinais dessa vontade: Afonso VI assume o título de *impiraturdhu-millatayn*, isto é, ‘imperador das duas religiões’. Imita assim um título que era dado aos grandes chefes do Oriente abácida, ‘chefe das duas espadas’. Afonso VII, segundo um de seus cronistas, exige, ao entrar solenemente em Toledo, em 1139, ser acompanhado de um cortejo de saltimbancos e músicos cristãos, sarracenos e judeus: cada um devia cantar na sua língua os louvores do soberano. Faz-se chamar de ‘imperador das três religiões’. Fernando III, por sua vez, manda gravar em seu túmulo, em Sevilha, uma inscrição nas três línguas: árabe, hebraico e castelhanos<sup>38</sup>.

A *Escola de Tradutores de Toledo* fomentava uma erudição de vertente aristotélica averroísta e neoplatônica produzindo manuscritos políticos e manifestações culturais de influencia oriental que chegavam até a corte régia<sup>39</sup>. Por isso vamos analisar inicialmente a posição dos sábios em Toledo e como eles inspiraram e ao mesmo tempo eram descritos na fonte legislativa do rei Afonso X, *Las Siete Partidas*.

Um *estudio* para o rei Afonso X era uma união de mestres onde se é realizada num determinado lugar e com vontade além de entendimento de aprender os saberes. E eram de duas maneiras. A primeira era o que chamam de *Estudio General*: nele se encontravam os

<sup>38</sup> CARDAILLAC, Louis. Um minarete em vez de campanário. **Toledo, séculos XII-XIII**. Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p.13.

<sup>39</sup> “Toledo faz a ligação entre o Oriente e o Ocidente. Os tradutores toledanos divulgarão as obras de Euclides, Ptolomeu, Hipócrates, Galeno, Aristóteles, os clássicos gregos e latinos. Assim, facilita-se o desenvolvimento das jovens universidades de Salerno, Pádua, Bolonha, Montpellier...Toledo continua sendo uma cidade-farol”. CARDAILLAC, Louis. Um minarete em vez de campanário. **Toledo, séculos XII-XIII**. Muçulmanos, cristãos e judeus: o saber e a tolerância. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p.14. Conferir: BURCKHARDT, Titus. **La civilización hispano-árabe**. Madrid: Alianza Editorial, 1985, p. 10.

mestres das artes, gramática e lógica; de retórica; e aritmética; de geometria; de astrologia. Este estudo deveria ser estabelecido por ordem do Papa, do Imperador ou do Rei. A segunda maneira é o que chamam de *Estudio Particular*, como quando um mestre visitava determinada vila, ensinando a poucos alunos<sup>40</sup> - como na *Escola de Tradutores de Toledo*. De bons ares deve ser o local onde se desejasse estabelecer o estudo, para que os mestres, que demonstravam os saberes, e escolares, que os estão aprendendo, vivam sãos e também possam descansar ao final da tarde, quando se sentissem cansados. Os moradores do lugar no qual foi estabelecido o estudo devem muito proteger e honrar aos mestres e aos escolares.

Por inimizade ou má vontade, que ninguém se colocasse contra os escolares, ou a seus pais: não poderiam fazer desonra, nem o errado, nem violência. E esta segurança ficaria estabelecida por todos os lugares do senhorio em nome do rei de Leão e Castela. E qualquer que se veja tomando por força, roubando, deve se obrigar a retornar tudo e muito mais; e caso machuque, desonre ou mate, deve ser escarmentado cruelmente, tal como um homem que quebra a nossa trégua e segurança. Caso, diante de uma queixa, os juízes fossem negligentes em cumprir com o direito, sobre estes cairão as cobranças, e serão afastados dos seus ofícios. E caso, na malícia, eles se movessem contra os escolares, não querendo praticar a justiça, estes oficiais deveriam ser castigados, a mando do rei<sup>41</sup>.

Bem e lealmente os mestres deveriam demonstrar os seus saberes, urgindo aos escolares lerem livros, e fazendo com que eles os entendam da melhor forma possível. E do

<sup>40</sup> “Estudio es ayuntamiento de maestros e de escolares que es fecho en algun lugar: con voluntad, e entendimiento de aprender los saberes. E son dos maneras del. La una es a que dizen estudio general: e q ay maestros de las artes assi como de Gramatica, e de la Logica: e de Retorica: e de Aritmetica, e de Geometria: e de Astrologia. E otrosi en q ay maestros de Decretos: e señores de leyes. E este estudio deve ser establecido por mandado del Papa o de Emperador: o del Rey. La segunda manera es: a q dizen estudio particular q quiere tanto dezir como quando algun maestro muestra en alguna villa apartadamente: a pocos escolares”. AFONSO X. II Partida, Título XXXI, Ley I. **Las Siete Partidas**. Glosadas por el Licenciado Gregorio Lopez. Salamanca: Boletín Oficial del Estado, 1576, p.114.

<sup>41</sup> “De buen ayre, e de fermosas salidas, deve ser la villado quisieren establecer el estudio, porque los maestros, que muestran los saberes, e los escolares, que los aprenden, vivan sanos en el e puedan folgar, e recibirplazer, en la tarde, quando se cuantaren cansados del estudio. Otrosidezimos, q los cibdadanos de aquel lugar do fuere fecho el estudio que mucho guardar, e honrrar, a los maestros e a los escolares, e a todas sus cosas. E aun dezimos, que por enemistad, nin por mal querencia, q algunomeoviesse contra los escolares, o a sus padres: non les devenfazerdeshonrra, nin tuerto, nin fuerça. E esta segurança les otorgamos, por todos los logares, de nuestro señorío. E qualquier que contra esto fiziere, tomándole por fuerça, o robándole, lo suyo, devegelo pechar quatro doblado e si lo firiere, o deshonnare, o matare, deve ser escarmentado cruelmente, como ome, que quebranta nuestra tregua, e nuestra segurança. Mas si por ventura, los judgadores, ante quien fuesse fecha esta querella, fuessen negligentes, en fazer les derecho, assi como sobredichos es, de lo suyo lo deven pechar, e ser echados de los oficios, por enfamados. E si maliciosamente se moviessen contra los escolares non queriendo fazer justicia, de los q los deshonnassen, o fiziessen, o matasenn, entonce los oficiales que esto fiziessen, deven ser escarmentados, por alvedrio de Rey”. AFONSO X. II Partida, Título XXXI, Ley II. **Las Siete Partidas**. Glosadas por el Licenciado Gregorio Lopez. Salamanca: Boletín Oficial del Estado, 1576, p.114.

momento que eles iniciassem a leitura, deveriam continuar o estudo, até que terminassem os livros que começaram. E enquanto fossem sãos, não deveriam pedir a outros que lessem em seu lugar; com excessão deste ser um pedido honroso, e não uma desculpa de se fugir ao trabalho. Por ventura, o documento jurídico indica, caso algum dos mestres ficasse doente depois que tivesse começado os estudos, não melhorando ou mesmo conseguindo ler, ordenasse que a ele fosse pago o respectivo salário<sup>42</sup>.

Dentro do ambiente de saber, conforme as *Partidas*, a ciência das leis era tal como fonte de justiça, e o mundo se aproveita dela, mais do que de outroconhecimento. E por isso, os Imperadores e Reis que fizeram as leis outorgaram privilégios aos mestres das escolas, de quatro maneiras:

1. Tão logo serem mestres, que tenham nome de mestres e cavaleiros;
2. O mestre de direito, chegando na presença de um juiz, que esteja julgando, deve ser recebido com respeito, de pé; caso contrário, o juiz será penalizado;
3. Que os porteiros dos Imperadores, e dos Reis, e dos príncipes, não possam contê-los ou impedi-los, e também evitar de entrar na frente deles;
4. Que sejam sutis, e entendidos, e que saibam mostrar esse saber, e sejam bem razoados, e de boas maneiras; e por tudo isso, após vinte anos, deviam possuir honra de condes. E tendo em vista que as leis, e os Imperadores de tal forma quiseram honrar-lhes, os Reis devem também manter essa mesma atitude. Por tudo isso, tem-se por bem que mestres tivessem em todo o senhorio as respectivas honras, tal como a lei antiga assim ordena<sup>43</sup>.

<sup>42</sup>"Bien e lealmente deven los maestros mostrar sus saberes, a los escolares leyendo los libros, e faziendogelo entender lo mejor que ellos pudieren. E de que comecaren a leer, deven continuar el estudio, toda via: hasta q ayan acabado los libros que comecaran. E en quanto fueren sanos, non deven mandar a otros, q lean, en logar dellos, fueras ende, si alguno dellosmandasse a otro leer alguna vez, para le honrrar, e non por razon de se escusar el del trabajo del leer. Mas si por ventura, alguno de los maestros enfermasedespues q oviessecomençado el estudio, de manera, que la enfermedad fuesse tan grande e tan luenga, q non pudiesse leer, e ninguna manera, mandamos, q le den el salario, tambien como si leyese". AFONSO X. II Partida, Título XXXI, Ley IIII (IV). **Las Siete Partidas**. Glosadas por el Licenciado Gregorio Lopez. Salamanca: Boletín Oficial del Estado, 1576, p.114-115.

<sup>43</sup>"La sciencia de las leyes es como fuente de justicia, e aprovecha se della el mundo, mas que de otra sciencia. E porende los Emperadores que fizieron las leyes, otorgaron privilejo, a los maestros de las escuelas, en quatro maneras. La una, ca luego que son maestros han nome maestros e de cavalleros, e llamaron los señores de leyes. La segunda es q cada vegada q el maestro de derecho, venga delante de algun juez, que este judgando, deve se levantar a el, e faltarle: e recibir le, q sea consigo: e si el judgador contra esto fiziere, pone la ley por pena, q le peche tres libras de oro. La tercera, q los porteros de los Emperadores, e de los Reyes, e de los principes, non les deven tener puerta, e nin embargar les, q non entren ante ellos quandomenestre les fuere. La quarta es, q sean

Além disso, a produção arquitetônica também foi fruto desse momento de intenso saber na *Escola de Tradutores de Toledo* e tem seu embasamento também na filosofia estética discutida teoricamente e depois colocada à prova em sua realização<sup>44</sup>. Lembremos que este era o momento da feitura das catedrais em estilo gótico e na Península Ibérica acrescenta-se uma forte presença das concepções também orientais dos bizantinos, judeus e islâmicos. Como a construção das catedrais góticas foi um fenômeno muito presente entre os séculos XII e XIII no Ocidente medieval, o rei castelhano, Afonso X, decidiu patrocinar a continuidade de uma das mais belas arquiteturas do reino, a Catedral de Toledo, com a ajuda de seus mestres toledanos.

A Catedral de Toledo é estruturada como uma nova Belém para que os reis Davi e Salomão possam reinar junto à Deus os homens na terra. Na base era uma antiga igreja visigoda que durante a presença islâmica na região se transformou em Mesquita de Toledo e depois serviu de inspiração para a feitura da catedral. Sobre essa arquitetura toledana, a pesquisadora María José Lop Otín destaca:

Con el beneplácito del rey y del papa, en 1226 se pone oficialmente la primera piedra, aunque parece que algunos años antes ya se trazaron los planos y se iniciaron la cimentación y los primeros trabajos. El nuevo templo gótico, de cinco naves y crucero, no llegará a ser tan estilizado como los franceses, sino de aspecto más contundente y con elementos propios, pero de cualquier forma impactante en la angosta trama urbana de la ciudad de Toledo. El elemento de mayor genialidad se concentra en la doble girola, de proporciones grandiosas, donde se ha conseguido el más alto grado de perfección de la arquitectura gótica. Las obras debieron ir a tal ritmo que en 1238 el propio prelado pudo inaugurar y dotar las quince capillas del ábside, al tiempo que manifestaba que “la catedral se ha despojado del aspecto de mezquita y há adquirido el de una iglesia”. De cualquier forma, esto sólo era el comienzo; las obras continuarían durante los siglos siguientes y, mientras tanto, el culto seguiría en la antigua mezquita, que se iría destruyendo de manera gradual, conforme avanzaba la construcción del nuevo edificio

hoteles, e entendidos, e que sepan mostrar este saber, e sean bien razonados, e de buenas maneras, e despues q ayanveyente años tenido es sueelas de las leyes, devenaverhonrra de condes. E pues q las leyes, e los Emperadores, tanto los quisieron honrrar, guisado es q los Reyes los deven mantener en aqlla misma honrra. E porende, tenemos por bien que los maestros sobredichos, ayan en todo nuestro señorio, las honrras q de sus dizimos, assi como la ley antigua lo manda”. AFONSO X. II Partida, Título XXXI, Ley VIII. **Las Siete Partidas**. Glosadas por el Licenciado Gregorio Lopez. Salamanca: Boletín Oficial del Estado, 1576, p.115.

<sup>44</sup>PANOFISKY, Erwin & Dora. **A caixa de Pandora**: As transformações de um símbolo mítico. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.19.

gótico. En ese proceso, se iría poco a poco avanzando en la construcción del claustro, lo que se hizo desde 1389 por decisión del arzobispo Pedro Tenorio, de sus diferentes puertas, de la torre mayor y la del reloj, cuyas obras se inician en 1425, y en terminar de cubrir las bóvedas, hecho documentado en 1493<sup>45</sup>.

A relação de Afonso X com o grupo social dos mestres – incluindo aqui os sábios toledanos na *Escola de Tradutores de Toledo*-, conforme a perspectiva do documento normativo das *Partidas*, se encontra baseada na ideia de respeito. De fato, ao Rei caberia a prerrogativa em torno da fundação dos Estudos Gerais e dos grupos de estudos como o caso da *Escola de Tradutores de Toledo*, ou seja, ele assume um papel de patrocinador da sabedoria. Mas não apenas: cabe a ele, e por extensão a todos os membros do senhorio, a defesa e a proteção dos mestres, e isso em todos os sentidos e circunstâncias. No que diz respeito aos mestres responsáveis pelas leis, a consideração é ainda maior: a ciência das leis, como indicado, é considerada a fonte da justiça. Mas porque tamanha consideração? Pois bem, compreendemos o apoio de Afonso X aos sábios, tendo em vista o trabalho em conjunto realizado diretamente a favor do fortalecimento monárquico, seja através das leis ou da produção artística. De fato, sem esse grande apoio por parte dos mestres toledanos, sem as propostas e construções teóricas, a obra que estamos analisando aqui, *Las Siete Partidas*, não teria sido composta, nem a continuação da Catedral de Toledo. O grupo dos sábios toledanos da Escola de Tradutores, portanto, estava colaborando no projeto de ordem social e de centralização monárquica então ambicionado por Afonso X no século XIII; e não é por falta de incentivo a eles, ao saber, que este monarca recebeu o famoso epíteto de o “Sábio”.

## **Conclusão:**

Contrariando a maioria dos reinos europeus do século VII, a monarquia visigoda apresentou um grau de formação intelectual e erudição acima da média. Preocupados com a união do reino em torno de uma única fé, a monarquia e a Igreja viam no aperfeiçoamento intelectual dos seus membros uma arma de fortalecimento da ideologia e por consequência do poder visigodo/católico. Destarte, a partir da cidade de Toledo as produções do saber do século XIII continuavam a se dinamizar por meio dos mestres da Escola de Tradutores

---

<sup>45</sup> LOP OTÍN, María José. El esplendor litúrgico de la Catedral Primada de Toledo durante el Medievo. *Medievalia: Revista d’Estudis Medievals*. Barcelona, vol. 17, n. 1, 2014, p. 195-197.

(inspirados pela anterior presença da erudição islâmica de oito séculos): esta que servia, sem dúvidas, aos desígnios do patrocinador, o rei castelhano Afonso X. Esse conhecimento toledano também ficou registrado, seja nas obras jurídicas, como *Las Siete Partidas*, ou em monumentos artísticos como a Catedral de Toledo. Por fim, a sabedoria toledana visigoda, islamizada e cristianizada foi sustentáculo da tradição política ibérica colaborando para o sentido de identidade histórica.